

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino\*  
Silênia de Azevedo Silveira Rangel\*\*

**Resumo:** A partir da psicanálise existencial sartriana, descrita na obra *Saint Genet: Ator e Mártir*, analisaremos os caminhos tortuosos que a subjetividade percorre na tentativa de se plenificar como objeto. Nosso propósito é demonstrar que Genet buscou identificar-se com seu ego para se colocar como um objeto de desprezo para a sociedade, porém, sua busca fracassa, pois, segundo Sartre, o homem jamais será completamente objetividade alienada no mundo. Nesse intuito, descreveremos brevemente os principais momentos da vida de Genet. Em sua infância, teve seu *ego-visto* (ser-para-outro) constituído pelo olhar de outrem; a partir de então, realizou diversos esforços para se identificar com essa imagem alienada, entretanto - enquanto liberdade -, permaneceu frente a todas as suas tentativas de fixar um *ego maldito* com o qual se identificasse; e, por fim, encontrou apenas a sua própria subjetividade, exercendo sua liberdade no ofício de escritor. Concluiremos, portanto, que a subjetividade permanece livre e responsável, mesmo frente à construção do seu ego.

**Palavras-chave:** Sartre. Ego. Ego-visto. Olhar. Ser-para-outro.

## THE SARTRIAN ANALYSIS ON THE WRITER JEAN GENET'S EGO CONSTRUCTION IN FACE OF HIS FREEDOM

**Abstract:** Based on Sartrean existential psychoanalysis, described in *Saint Genet: Actor and Martyr*, we will analyze the tortuous paths on which subjectivity travels to try recognize itself as an object. We aim to demonstrate that, although Genet sought to identify with his ego to place himself as an object of contempt for society, his search failed, because, according to Sartre, humans will never be completely objects in the world. To that end, we will briefly describe the main stages of Genet's life. In his childhood, his *ego-seen* (being-for-others) was constituted by the gaze of others; from then on, he made several efforts to identify himself with this alienated image. However, he remained free, and, finally, he found only his own subjectivity, exercising his freedom in his work as a writer. We conclude, therefore, that subjectivity remains free and responsible, even when faced with the construction of its ego.

**Keywords:** Sartre. Ego. Ego-seen. Gaze. Being-for-others.

### I. Introdução

Sartre demonstrou que a consciência humana é de uma categoria diferente das coisas mundanas. Os objetos possuem ser definido, fechado e opaco, já a consciência é falta de ser - espontaneidade, leveza, ligeireza e translucidez - que existe como pura intenção ao objeto do qual é consciente. Ela é capaz de constituir o psíquico a partir da unificação dos estados de

---

\* Pós-doutoranda em Filosofia pela UFES com a pesquisa intitulada "Generosidade e Compreensão: as relações de Alteridade na obra Cadernos Para Uma Moral de Sartre". Doutora (2018) em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNIFESP com pesquisa financiada pela CAPES. Mestra em Filosofia (2014) pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFES com pesquisa financiada pela FAPES. E-mail: siloe\_cristina@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-7290-3856

\*\* Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012). Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna - FAFITA (2002). Graduada pela mesma Instituição em Letras (1994); hoje, Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: sileniarangel@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4215-2830

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

consciência vividos anteriormente. O psíquico aparece tanto para mim, quanto para outrem como um objeto que pode ser apreendido, porém, nossas formas de apreensão são distintas: eu constituo o meu ego reflexivamente enquanto que outrem constitui meu *ego-visto* (*ser-para-outro*).

No ensaio intitulado *A Transcendência do Ego*, publicado em 1936, o ego é descrito como uma produção solitária de uma consciência isolada. Eu o constituo como a unidade ideal do psíquico que só aparece à minha reflexão e, portanto, não posso apreendê-lo diretamente. O ego aparece para mim “[...] como uma pedra no fundo da água” (SARTRE, 2003, p. 103) ou “uma miragem perpetuamente decepcionante” (SARTRE, 2003, p. 122). Por essa razão, não tenho uma posição privilegiada de observação do meu *ego psíquico*; “meu Eu, com efeito, não é mais certo para a consciência do que o Eu dos outros homens” (SARTRE, 2003, p. 130).

Na obra *O Ser e o Nada*, lançada em 1943, Sartre esclarece que, qualitativamente, tanto eu quanto outrem apreendemos o meu psíquico, porém, nós o intencionamos de maneiras distintas. Meu psíquico é apreendido pelo outro como um *ego-visto* (*ser-para-outro* ou *ser-fora*) (SARTRE, 1943, p. 300). Outrem apreende meu psíquico a partir dos meus comportamentos, dos meus gestos e das minhas manifestações psicofísicas como um objeto mundano. Sou dotado de qualidades objetivas, de características, de adjetivos e de julgamentos fornecidos pelo olhar do outro.

Na obra *O Idiota da Família I*, publicada em 1971, Sartre demonstra que o *ego psíquico* possui como composição básica as nossas vivências e as informações que recebemos dos outros. Outrem me oferece informações, conceitos e valores sobre mim mesmo que aprimoram a forma como eu me vejo. Em minhas reflexões, posso utilizar os dados fornecidos por outrem para enriquecer meu psíquico.

Possuímos duas fontes de informações para nos conhecermos; nosso sentido íntimo nos fornece um certo número de dados [...] e as pessoas que nos cercam fornecem outros. Algumas vezes, essas informações coincidem e se completam. Podemos corrigi-las umas pelas outras (SARTRE, 1952, p. 42).

Dessa forma, existe uma relação entre minha apreensão de mim mesmo e o olhar dos outros sobre mim. “Um indivíduo ativo está em posição de opor seu ego ao seu personagem público ou de conciliar o segundo com o primeiro” (COOREBYTER, 2000, p. 599). O meu *ego-visto* pode me corrigir sobre a imagem que eu constituo sobre mim mesmo e, ao mesmo tempo, meu *ego psíquico* pode restabelecer um equilíbrio diante da apreensão dos outros.

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

Nós permanecemos como liberdade diante da constituição do nosso ego psíquico e do nosso ego-visto; somos responsáveis por nossas ações e por nossas escolhas diante do que vivenciamos socialmente. Para demonstrar essa ideia, o presente artigo realizará um estudo sobre a obra *Saint Genet: Ator e Mártir*, publicada por Sartre, em 1952, especificamente sobre as partes “Livro I: A Metamorfose” e “Livro II: A primeira transformação: O Mal”. Veremos o modo como existencialmente Genet tentou constituir-se e identificar-se com o seu ego enquanto permaneceu como liberdade.

A proposta da obra *Saint Genet: Ator e Mártir* não é construir um itinerário filosófico e didático sobre conceitos teóricos, mas realizar uma análise existencial do escritor Jean Genet. No livro, Sartre não diferencia o *ego psíquico* do *ser-para-outro* de forma sistemática. O termo ego é utilizado para identificar o *ser-para-outro* (1952, p. 553), o conjunto das nossas ações no mundo e as projeções da consciência (1952, p. 212).

A consciência constitui o ego a partir do conjunto de suas ações, de suas escolhas, e de informações doadas pelos outros como um objeto psíquico que se apresenta para a consciência. Ela poderá julgar, negar ou assumir seu ego, posicionando-se diante dele. Dessa maneira, o homem permanece como subjetividade que ultrapassa todo e qualquer processo de objetivação ou alienação social. Qualquer esforço da consciência para se fundir ao seu Ego a reconduz à sua própria liberdade e à sua própria responsabilidade.

Esse é o malogro vivido intensamente por Jean Genet em suas desventuras analisadas por Sartre. Genet tentou viver a objetividade atribuída pelo olhar de outrem; entretanto, encontrou apenas sua subjetividade livre, escolhendo, ao final da vida, tornar-se escritor.

## **II. A constituição do ego-visto na infância de Genet**

No “Livro I – A Metamorfose”, Sartre fala da juventude de Genet. Ele foi rejeitado pela mãe e adotado por um casal de camponeses. Na infância, brincava no campo como uma criança dócil, bem-comportada e honesta. Inicialmente, era visto pelos adultos como um garoto respeitoso, terno e com bom temperamento (1952, p. 14). Entretanto, sente-se como inoportuno, mal-amado e rejeitado desde o seu nascimento. O abandono de sua mãe aparece como uma condenação que o corrói. “Sob essa inocência de princípio que os adultos lhe conferiram, esconde-se o sentimento de uma culpabilidade inapreensível. Filho de ninguém, ele não é nada”

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

(1952, p. 17). Genet não recebeu nada por herança. Ao ser adotado pela família de camponeses, poderá *servir-se* dos objetos dispostos à sua volta, mas nada verdadeiramente é seu.

Ele aprendeu os valores definidos pela moral da sociedade de camponeses que o adotou. Nessa escala, é preciso *Ter* posses para *Ser* bom: “nós temos o bem porque nós somos herdeiros legítimos e, reciprocamente, somos modelados pelo que nós temos” (1952, p. 18-19). Quanto mais Genet interioriza a moral daquela sociedade, sente também que dela não participa, “[...] vindo do nada, esse menino não tem nada, não é nada [...]” (1952, p. 28), “julgado pelo *Ter* ou julgado pelo *Ser*, está igualmente em falta” (1952, p. 17).

Sua escolha diante da falta do *Ter* é se apropriar de objetos de sua casa para usá-los em sua solidão como verdadeiro proprietário. Em um de seus atos, abre uma gaveta de um dos armários da casa. Neste momento, alguém entra no local e o vê. Ao ser visto apanhando algo da cozinha da sua família, com 10 anos de idade, é acusado de ser ladrão.

Essa apreensão objetiva representa o momento no qual ele se vê por intermédio do olhar de outrem. Genet conhece objetivamente seu ato como roubo e a si mesmo como ladrão. O olhar dos outros constituiu seu *ego-visto* objetivamente e o confrontou com o julgamento dos seus atos (cf. SARTRE, 1952, p. 553)<sup>1</sup>. Frente às suas ações e ao julgamento social, ele permanece como responsável e, enquanto liberdade, precisará escolher-se. Ele deverá posicionar-se diante de seu *ego-visto* (*ser-para-outro* ou *ser-fora*), seja rejeitando, seja criticando, seja assumindo as qualificações doadas por outrem.

### III. O posicionamento de Genet frente ao seu ego-visto

No “Livro II – Primeira Conversão: O Mal”, na parte “Eu serei o ladrão”, Sartre trabalha como Genet posicionou-se diante da constituição de seu *ego-visto*. Entre seus dez e quinze anos, ele decidiu sobre si mesmo e escolheu confirmar o julgamento dos outros (1952, p. 64 e 71). Genet escolhe roubar, cometer crimes, trair, prostituir-se, ser espancado, ser arrastado para a prisão, escandalizar e horrorizar as pessoas ao seu redor e, assim, agir de maneira que o resultado de suas ações faça com que a sociedade o trate como objeto (1952, p. 83). Genet “utiliza a sua liberdade de puro sujeito universal para degradar-se como objeto” (1952, p. 85-86). Ele deseja ser este *ego-visto* que fizeram dele e esforça-se para se colocar como objeto de horror como o viam. Genet “usará sua liberdade pura para evocar, por uma

<sup>1</sup> Neste acontecimento, o olhar da sociedade constitui seu *ego-visto* objetivamente, ele é provido de um “eu [moi] monstruoso e culpado” (1952, p. 27).

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

conspiração mágica, o Ego maldito que sonha se fundir” (SARTRE, 1952, p. 86). Nas palavras de Genet,

[...] Elaborei sem perceber uma disciplina rigorosa: À cada acusação lançada contra mim, mesmo injusta, do fundo do meu coração, responderei sim... Eu me reconhecerei como o covarde, o traidor, o ladrão, o pederasta que viam em mim (GENET *apud* SARTRE, 1952, p. 246).

As escolhas de Genet funcionam como uma espécie de repetição do acontecimento vivido na infância e, na busca por se identificar ao seu ego-visto constituído socialmente, ele escolherá reafirmar o julgamento social lançado sobre ele, reivindicando-se como objetividade maldita nas diferentes situações. Sartre explica por meio de diversas análises dialéticas os modos pelos quais Genet procura ser esse objeto mau para a sociedade, dentre elas existe a busca pelo ser maldito em sua conduta sexual e a busca pelo fazer o mal pela traição.

## **IV. O fracasso da tentativa de se fazer objeto pelo sadismo na sexualidade**

No “Livro II – Primeira Conversão: O Mal”, na parte “O Eterno par do Criminoso e da Santa”, Sartre descreve a tentativa de Genet ser Mau em suas relações sexuais, ele busca alienar-se como objeto diante do olhar do amado para se constituir enquanto um ego-visto na sujeição ao outro.

Na análise existencial sartriana, na sua infância, Genet foi surpreendido por trás pela objetivação do olhar de outrem (1952, p. 96). Esta objetividade alienada por outrem se relaciona à sua passividade na vida amorosa (1952, p. 97). Sua metamorfose para o Mal incluirá ser o homossexual passivo de forma masoquista. Em sua vontade obstinada, Genet repete a escolha que fez previamente de aceitar a objetivação do olhar de outrem, a saber, ser o *ego-visto* maldito e abjeto de que lhe acusaram (1952, p. 93). Ele solicitará o desgosto, a rejeição e a indiferença do outro em suas relações (1952, p. 99). Se submeterá às sevícias, às injúrias, à prostituição e aos atos repugnantes (1952, p. 126). Ele reivindica as ofensas que os outros lhe atribuem como um modo de reassumir seu ser orgulhosamente (1952, p. 81), e transforma-se na meretriz promíscua e vulgar que todos podem abusar e utilizar como objeto (1952, p. 96). “Todos esses belos e cruéis jovens que o atormentam sem misericórdia, ele os adora, submete-se servilmente aos seus desejos, se faz capacho deles” (1952, p. 93). Desse modo, no ato sexual, Genet usufrui de sua constituição de objeto de horror e abjeção para o olhar do amado (1952, p. 127).

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

Genet *se fará* objeto para outro em sua sexualidade, buscará alienar-se em seu ego-visto em suas relações (1952, p. 48). Entretanto, não existe possibilidade de *Ser* completamente objeto para outrem, pois as relações são dinâmicas e instáveis. Posso ser o sujeito que apreende outrem e, posteriormente, ser apreendido por ele como objeto. Por essa razão, a tentativa de Genet de se fazer objeto-absoluto para o amado passa por um revés. O criminoso cruel e viril ao qual se submete não é sujeito-absoluto, pois seus atributos, na verdade, são conferidos pelo olhar de Genet. Assim, seu amado só é cruel, viril, mal e criminoso a partir do seu olhar. Dessa forma, ele conduz o amante à dependência do seu olhar. “É a submissão e o respeito de Genet que fornecerão a virilidade e a coragem que ele não poderia adquirir sozinho” (1952, p. 155). Genet reencontra-se como a subjetividade que fornece ao outro os elementos que o caracterizam como objeto. No fim:

O outro devia servir de mediação entre Genet e seu ser, agora, é Genet que é mediação entre o criminoso e o ser do criminoso [...] Os duros se reduzem a simples aparências, só tem existência na medida em que a consciência de Genet lhes dá (1952, p. 169)

Para Sartre, o reencontro com sua própria subjetividade ao final da tentativa de se fazer objeto para outrem não foi um fracasso que se deu contra a vontade de Genet. Suas relações mascaravam seu ódio corrosivo (1952, p. 93); ele assume como tarefa a “sistemática desvirilização” do seu amado para, por fim, colocá-lo como dependente do seu olhar. Seu projeto é desarmar o criminoso como quem desarma o olhar da sociedade. Libertar-se dele assim como a criança em sua infância se libertaria dos adultos (1952, p. 150). Seu empreendimento de ser objeto para outrem continha, portanto, desde o início, a vontade de reencontrar sua própria subjetividade: “Genet sempre pressentiu e até desejou essa inversão. Nunca teria aceitado a servidão se não tivesse guardado em segredo a certeza de que poderia livrar-se” (1952, p. 169). Dessa forma, ao final de suas desventuras, Genet reencontra sua liberdade, sua autonomia e sua subjetividade.

## **V. O fracasso da tentativa de se fazer objeto pela traição**

No “Livro II – Primeira Conversão: O Mal”, na parte “Um Trabalho Cotidiano e Frustrante”, Sartre indica a tentativa de Genet forjar “a si mesmo” como um objeto maléfico por meio de traições aos outros criminosos.

## A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

Com 15 anos de idade, Genet já havia cometido crimes, sendo levado para a penitenciária e recebido com desprezo por ser fraco e por ser instruído demais para ser visto como um igual pelos outros. Os presidiários o marcaram como traidor antes de sequer conhecê-lo (1952, p. 205); “[...] todos sabiam que ele era um traidor, em Mettray foi o primeiro insulto que lhe lançaram” (1952, p. 197).

Genet trai seus amores e seus companheiros de crime, etc. As traições lhe acarretarão o desprezo dos homens, espancamentos e facadas (1952, p. 263). “Pela traição, Genet arranca ao seu corpo, à sua vida, à sua própria sensibilidade. Arruína seus amores, destrói o seu eu [...]” (1952, p. 208). Na idade aproximada de dezoito ou vinte anos, Genet já foi preso, prostituiu-se, passou fome, foi miserável, mendigando pelas ruas, foi maltratado e golpeado, etc. (cf. SARTRE, 1952, p. 161).

Assim, na busca de se fazer um ego maldito por intermédio da traição, encontra a ruína, a derrota, o sofrimento, etc. Mas descobre exatamente o que procura: o fracasso no *âmbito metafísico e no âmbito da facticidade*. Genet fracassa no âmbito metafísico, já que realiza um conjunto de furtos desprezíveis que o conduzem aos espancamentos e à cadeia, “em vão roubará, trairá, mentirá, o Mal absoluto não se deixa captar por esses gestos” (1952, p. 192). Genet também fracassa no âmbito da facticidade, pois se junta aos comparsas para realizar um crime que espera acabar em desastre (1952, p. 218), é pego e espancado pela polícia (1952, p. 194); seus comparsas são detidos, aprisionados ou mortos (1952, p. 194).

Genet é consciente de que fracassará tanto no âmbito metafísico quanto na facticidade. O fracasso também é, ao final, sua decisão (1952, p. 217-218). O empenho em seu próprio fracasso é o modo escolhido por Genet para se reapropriar de sua subjetividade diante do olhar de outrem que o coloca como objeto. Ele escolheu ser o ladrão, o traidor, o derrotado e, portanto, quer suas mazelas, o fracasso de seus empreendimentos, “a sua vida perdida e derrotada” (1952, p. 374). Genet constrói sua derrota como projeto escolhido por uma subjetividade livre.

Assim, a tentativa de se constituir como um ego maldito do qual lhe acusaram passa por novo revés, Genet encontra apenas sua liberdade, sua subjetividade e sua existência quando escolheu o fracasso de sua própria vida. Todos os seus esforços para se constituir como objetividade reencontram a própria subjetividade como fundamento de suas escolhas. “Ao desvanecimento de seu Ego corresponde o surgimento ofuscante de sua subjetividade” (SARTRE, 1952, p. 209).

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

## VI. O encontro da liberdade como escritor

Genet começou a escrever na cadeia, desenvolvendo temas onanistas, entretanto, aos poucos, a escrita foi se tornando um modo de exploração introspectiva (1952, p. 514). No texto, ele retrata sua vida, misoginia, homossexualidade, ressentimento com a mãe, entre tantos sentimentos que o assombraram na sua conturbada vida efêmera. O universo do livro expressa-o e transparece-o (1952, p. 527). A obra encarna suas entranhas; “é o próprio Genet se engendrando por um ato criminoso como objeto de horror” (1952, p. 542). Ele encarna-se nos personagens e, por intermédio deles, explora suas próprias humilhações, seus desesperos e seus sofrimentos (1952, p. 618). A sua obra funciona como o diário de uma conversão e desintoxicação na qual, linha por linha, palavra por palavra, cria-se e torna-se artista (1952, p. 499-500). Ao final da escrita de seu livro *Notre-Dame*, Genet percebe-se “como livre consciência criadora” (1952, p. 614). “[...] O Genet verdadeiro libertou-se desse personagem, do seu Eu empírico; ele é, ao mesmo tempo, esse vazio extraordinariamente vivo e esse nada ‘corrosivo’ e voraz [...]” (SARTRE, 1952, p. 628).

Para Sartre, esta foi uma das obras em que pôde explicar existencialmente sua concepção de liberdade, já que demonstra como o sujeito escolhe-se livremente diante da objetivação social do ego-visto, em suas palavras:

Eu creio que um homem pode fazer sempre alguma coisa disso que nós fizemos dele. É a definição que eu forneceria hoje de liberdade: esse pequeno movimento que faz de um ser social totalmente condicionado uma pessoa que não restitui a totalidade disso que ela recebeu de seu condicionamento; que faz de Genet um pequeno poeta, por exemplo, embora ele tenha sido rigorosamente condicionado para ser um ladrão. Saint Genet é, talvez, o livro no qual eu expliquei melhor o que eu entendo por liberdade. Pois Genet foi feito ladrão, ele disse: “eu sou o ladrão”, e esse minúsculo movimento foi o começo de um processo no qual ele se tornou um poeta (SARTRE, 1972, p. 101-102).

A possibilidade dessa reviravolta na vida de Genet, que parte da tentativa de se constituir como objeto degenerado socialmente para se encontrar como subjetividade criadora, apoia-se na ontologia fenomenológica sartriana. Em sua teoria, a consciência é sempre consciência dos objetos à sua volta - não existe nenhuma essência dentro dela que a defina, nenhum objeto nela se insere para a determinar -, por essa razão, haverá sempre a possibilidade de analisar, qualificar e avaliar aquilo que lhe aparece.

Portanto, somos capazes de doar um sentido para as nossas vivências, para o julgamento dos outros, para o nosso *ego-visto* (constituído pela apreensão do psíquico pelo

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

olhar de outrem) e para o *ego psíquico* (constituído pela nossa reflexão impura). Nós escolhemos como nós viveremos essa objetivação da sociedade; se nós a assumiremos, ou se nós a rejeitaremos, ou se nos nós resignaremos, ou se nos nós rebelaremos. Portanto, seremos nós os responsáveis por escolher como lidaremos com os julgamentos doados pelos outros.

Para Sartre, não podemos parar o processo de objetivação da sociedade, não escolhemos o modo como somos vistos, julgados e classificados no mundo. Nascemos em um núcleo familiar, inserido em certa cultura, com condições socioeconômicas determinadas, e dotados de características objetivas a partir do olhar da sociedade que não escolhemos. Porém, não somos um subproduto passivo da nossa história. Somos livres para escolher nossas ações diante da sociedade. Nós sempre poderemos fazer algo daquilo que fizeram de nós (Cf. SARTRE, 1952, p. 63).

## VII. Conclusão

Sartre demonstra que Genet foi dotado de seu ego-visto pelo olhar de outrem, precisou posicionar-se frente à sua alienação e, assim, escolheu um conjunto de ações más e perturbadoras na tentativa de se identificar ao seu *ego-para-outro*, fazendo-se objeto socialmente. Ele escolheu assumir todo o julgamento, a condenação e as ofensas sociais para si na tentativa de converter sua existência em um ego maldito. Ele quis, escolheu e procurou o fracasso de sua própria vida, com todas as suas forças, para se constituir como objeto.

Suas várias tentativas de se constituir em um ego maldito, seja nas relações com os outros, seja por meio da construção dos seus atos, culminam novamente no reencontro de sua liberdade. Por mais que tentasse se fundir com seu ego, na busca insana da sua própria derrota, Genet encontrava apenas a sua própria subjetividade livre como fundamento de suas próprias escolhas.

Depois de viver ciclos de violência – no qual cometia crimes, era espancado, estuprado e preso -, começa a escrever na cadeia, encontrando-se, enfim, como escritor. Por intermédio da escrita, Genet abandona um pouco de si em cada personagem e, assim, reencontra-se como pura liberdade.

# A ANÁLISE SARTRIANA SOBRE A CONSTRUÇÃO EGO DO ESCRITOR JEAN GENET FRENTE A SUA LIBERDADE

Siloe Cristina do Nascimento Erculino / Silênia de Azevedo Silveira Rangel

## REFERÊNCIAS

COOREBYTER, Vincent. Introduction e Notes. In.: SARTRE, Jean-Paul. *La Transcendance de l'Ego*. Esquisse d'une descriptions phénoménologique. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *La Transcendance de l'Ego et Conscience de soi et connaissance de soi*; précédés de Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl : l'intentionnalité. Paris: Vrin, 2003.

\_\_\_\_\_. *L'être et Le Néant*: Essai d'ontologie phénoménologique. Gallimard, 1943.

\_\_\_\_\_. Sartre par Sartre. In. : \_\_\_\_\_. *Situations IX : Melanges*. Gallimard, 1972. p. 99-136.

\_\_\_\_\_. *Saint Genet: Comédien et Martyr*. Gallimard, 1952.

\_\_\_\_\_. *Saint Genet: Ator e Mártir*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *The Family Idiot*. Gustave Flaubert, 1821-1857. Volume 1. The University of Chicago Press, 1981.